

regime da Compra-e-Venda, com e preocupação continuada do amanhã material. Hoje, por felicidade, já temos maneira de nos libertarmos dela, de seguirmos à risca a prêgação do Cristo: não andarmos cuidadosos com esta nossa vida, — que comeremos, que beberemos, com que nos vesti-

remos: mas tratarmos a todos como irmãos verdadeiros, e sermos livres, livres, livres, — como êle dizia dos fenezinhos do campo, dos lírios brancos do vale, das avezinhas do céu.

ANTÓNIO SÉRGIO

Explicação aos leitores da “Seara Nova”

Apareceu na revista *Sol Nascente* uma prosa de ataque à *Seara Nova*, de carácter pessoal e apaixonado, manifestando um rancor de que só há que sorrir-nos e ao qual não temos que responder, porque a *Seara Nova* debate ideias, não chafurda nunca em questões pessoais. Além disso, tudo leva a crer que tal artigo é da autoria do Sr. Abel Salazar, e nós temos motivos de consciência para não discutir com êste escritor, por causas que não há que revelar ao público. Ao Sr. Abel Salazar, aliás, a *Seara Nova* não quer senão bem, não lhe leva a mal o desvairado ataque, e deseja-lhe que cobre a superioridade de espírito, aquêle luminoso senhorio de si, aquela largueza e serenidade de ânimo, incompatíveis com o baixo ódio que transluz do artigo do *Sol Nascente*, e de todo indispensáveis à felicidade de um homem e à sua verdadeira cultura mental.

Não temos, portanto, que responder ao artigo. Todavia, pode suceder que alguns leitores estimem receber um esclarecimento nosso acêrca do factozinho editorial que deu pretexto à absurda agressão, e a êsses leitores dizemos nós o seguinte:

O costume velhíssimo da *Seara Nova*, é que quando qualquer dos seus colaboradores lhe envia um artigo com que não concorda, — não manifesta tal discordância pela recusa da publicação. Amando a livre discussão de ideias, a *Seara Nova* publica o artigo, reservando-se o direito do seu comentário, — que faz umas vezes, e outras vezes não faz. Publica e discute, ou publica primeiro e depois discute, se entende que é isso que convém no caso. Assim fizemos (entre numerosos exemplos) com alguns artigos do Dr. Abel Salazar que apareceram estampados na *Seara Nova*. Êsses seus artigos não nos pareceram bem, como depois mostrámos. Discordámos, mas publicámos: e só mais tarde o comentário veio.

Pois foi isso mesmo o que sucedeu agora. A publicação dos artigos sôbre relatividade, do glorioso Almirante Gago Coutinho, não pode ser interpretada como concordância com o que neles se diz; e tanto assim, que pensámos logo numa resposta, a qual pedimos ao professor Rui Gomes, por intermédio de um amigo nosso, o professor Bento de Jesus Caraça.

Êste nosso método será discutível, como tudo o é; foi porém sempre o da nossa revista, e o processo contrário tem sempre um perigo: o de se aproximar do espírito inquisitorial. Desde que se entra pela recusa, não pode calcular-se precisamente onde se cai num espírito de absolutismo dogmático; e quem tem horror à infalibilidade dogmática escrupuliza sempre em amordaçar um homem, em que circunstâncias fôr. Ao que nos

parece, os directores da revista *Sol Nascente* levam muito mais longe que os da *Seara Nova* o escrúpulo de recusar uma publicação: com efeito, não se negaram a inserir o artigo em que foi anavalhada a *Seara Nova*: ora, fazemos-lhes a justiça de acreditar que não concordam com êsse artigo (o que se prova pela amável insistência com que nos teem pedido colaboração) e que foi com náusea, por mil motivos, que consentiram em publicar aquilo. Nós não teríamos publicado uma prosa em que se dessem facadas no *Sol Nascente*, quer fôsse assinada pelo Dr. Abel Salazar, quer fôsse assinada por Gago Coutinho (fantasiada aqui essa hipótese absurda de o glorioso Almirante escrever daquilo).

Uma última explicação aos leitores da *Seara*. A primeira ambição da nossa revista não é papaguear doutrinas recentes; não é notificar o mais moderno em todos os campos da actividade humana. Nunca sonhou a *Seara Nova* em ser um periódico de vulgarização científica: é uma revista cívica e pedagógica, — política, digamos, na acepção mais ampla de tal palavra. Podem as circunstâncias forçá-la às vezes a afastar-se um tanto do seu caráter político: porém, essencialmente política é que ela é. Dentro dêste campo, a nossa ambição é muito mais elevada que a de repetir o que dizem os vulgarizadores actuais: é a de exprimir uma *forma*, e não uma *matéria*; uma atitude, e não um saber; é a de buscar as virtudes que são eternas: a clareza da ideia, a nitidez do juízo, a concatenação rigorosa, a objectividade crítica, a arquitectura mental, a elocução exacta, o desdém do mesquinho, o ódio ao ódio, o amor do bem público, o heroísmo cívico, a equanimidade, a amor dos homens, a nobreza dos sentimentos e das acções. Isto, evidentemente, é muitíssimo superior às nossas fôrças; mas há necessidade de visar ao mais alto (ao sobrehumano, por assim dizer), para nunca cairmos no infra-humano, — como o puderam verificar neste mesmo caso os leitores da revista *Sol Nascente*.

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

- Literaty Digest* — Novembro, 1937. New-York.
Arquivo Nacional — N.º 307. Lisboa, Novembro de 1937.
A Universidade e a Nação — Cristiano de Moraes — Maranus, Porto, 1937.
Ibero-Americanisches Archiv — Herausgeber Ibero-Amerikanisches Institut. Berlin, Jahrgang XI, Oktober 1937, Heft 3.
A Língua Portuguesa — Vol. V, Fasc. VII. Lisboa, Novembro de 1937.
Boletim do Instituto Português de Oncologia — Vol. IV, N.ºs 10-11, Lisboa, Outubro e Novembro de 1937.